

AS LUZES E A TRADUÇÃO NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO (CA. 1750-1800)

Gabriel de Abreu Machado Gaspar

Universidade Federal Fluminense

machado.ga18@gmail.com

A tradução esteve envolvida nos mais importantes movimentos de trocas culturais e tornou-se central para processos históricos desencadeados por transformações no campo das ideias e das consciências, como o Renascimento, a Reforma e, sobretudo, a Ilustração (BURKE, 2009, p. 17). No século XVIII, os letrados discutiam e dialogavam sobre os mais diversos temas sem recorrerem à uma “língua universal” ou franca que mediasse as discussões. Ao contrário, conforme demonstram Lucien Febvre e Henri Martin (2017), o Latim havia perdido sua preeminência tanto na escrita em verso quanto em prosa.

Neste contexto, as línguas vernáculas ascenderam como veículos de transmissão de textos e ideias aos novos públicos que emergiam (OZ-SALZBERGER, 2006, p. 387). Esta diversidade das línguas faladas nas diferentes regiões do mundo torna necessário o ato de traduzir (RICOEUR, 2012, p. 34). Ao longo do Século das Luzes, a filosofia de Voltaire e Rousseau, as belas letras de Pope e Richardson; as obras de autores clássicos e medievais como Homero, Cícero e Shakespeare se difundiram por meio da tradução (OZ-SALZBERGER, 2006).

Segundo Fania Oz-Salzberger (2006, p. 388-392), o número de traduções cresceu substancialmente em diversos estados europeus e atingiu seu pico nas três últimas décadas do século XVIII. Paris, Londres e Leipzig estabeleceram-se como os grandes centros de tradução da Europa. Outras cidades como Nápoles, Dublin, Edimburgo, Copenhague, Estocolmo, Berlim e São Petersburgo também produziram um número significativo de traduções vernáculas.

A Península Ibérica não permaneceu alheia à ampliação dos contatos entre as diferentes culturas europeias e seu mercado livreiro assistiu a uma profusão de traduções ao longo do Setecentos. O objetivo deste trabalho é de apresentar e analisar, de modo preliminar, os fluxos e tendências gerais sobre a tradução no mundo luso-brasileiro,

considerando, principalmente, as áreas temáticas das obras traduzidas, as línguas originais e o perfil socioprofissional dos tradutores.

Fontes e procedimentos metodológicos

Os dados apresentados neste trabalho advêm da resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa intitulada *A Tradução em Portugal*, organizada por Antonio Augusto Gonçalves Rodrigues (1992). O organizador e sua equipe exploraram o acervo das mais diversas instituições, notadamente a Biblioteca Nacional de Lisboa, e centenas de publicações, desde as bibliografias clássicas, como as de Inocêncio Francisco da Silva e Rubens Borba de Moraes, aos catálogos de bibliotecas particulares e universitárias. Tamanho esforço resultou em uma ferramenta bibliográfica fundamental para os pesquisadores que, como toda em seu gênero, possui limites e dificuldades (RODRIGUES, 1992, p. 13-19).

Em termos metodológicos, procedemos a organização de um banco de dados a partir da bibliografia organizada por Gonçalves Rodrigues. Para cada obra publicada, preenchemos os seguintes campos: “ano de publicação”, “autor”, “título da obra”, “tipografia” e “tradutor”. Após o preenchimento das informações para obras publicadas entre 1750 e 1800, recorte preliminar desta pesquisa, avançamos em algumas direções importantes: a classificação temática, a investigação das línguas originais das obras traduzidas, os lugares e cidades de publicação a partir da localização das tipografias identificadas e, por fim, a árdua busca por informações acerca do perfil socio-profissional dos tradutores conhecidos¹.

A segunda fase da pesquisa, acima descrita, iniciou-se pela busca no *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva e em seus suplementos posteriores disponíveis na Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil. Obras contemporâneas, como as de Gilda Verri (2006), forneceram informações importantes sobre as tipografias e os tradutores. Além disso, foram consultadas obras digitalizadas em plataformas digitais, como o Google Books e o Archive.org. Na LusoDat, bases de dados

¹ Agradeço à Savannah Abreu cujo auxílio na tabulação e organização dos dados foi imprescindível para a consecução dos objetivos propostos neste trabalho.

sobre história da ciência, da medicina e da técnica em Portugal e Brasil, do Renascimento até 1900, foram encontradas informações sobre edições, tradutores e tipografias². Apesar de termos assegurado a validade das informações pesquisadas e utilizadas na composição da referida base de dados, não seria possível, infelizmente, listar todas as obras, bases de dados e sites consultados durante a pesquisa.

A Tradução em Portugal no Setecentos: temas, línguas e tradutores

Após estes breves comentários acerca dos procedimentos metodológicos adotados, passaremos a refletir acerca dos dados obtidos nesta fase da pesquisa. Em primeiro lugar, a partir do Gráfico 1, é possível avaliar o volume adquirido pelas obras traduzidas para o português entre 1750 e 1800.

Gráfico 1- Obras traduzidas para a Língua Portuguesa (1750-1800)



FONTE: RODRIGUES, Antonio Augusto Gonçalves. *A Tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil*. Volume Primeiro, 1495-1834. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

² LUSODAT. Bases de dados sobre história da ciência, da medicina e da técnica em Portugal e Brasil, do Renascimento até 1900. Disponível em: <http://www.ghct.usp.br/lusodat.htm>. Acessada em 20/01/2019.

O mundo luso-brasileiro do Setecentos assistiu ao surgimento de uma profusão de publicações de obras estrangeiras em língua portuguesa. Como aponta Antonio Gonçalves Rodrigues, apenas na primeira metade do século XVIII surgiram 442 traduções publicadas em Portugal, frente a 266 do século anterior (RODRIGUES, 1992). Entre os anos de 1750 e 1800, publicaram-se cerca de 1340 traduções dos mais variados temas e autores. Em uma análise geral, constatamos um vertiginoso crescimento das traduções na década de 1780. Frente às 177 traduções publicadas na década de 1770, saíram a luz entre os anos de 1780 e 1789, 447 obras traduzidas.

Este crescimento de traduções em Portugal na segunda metade do Setecentos está diretamente relacionado à recepção e circulação de ideias ilustradas no mundo luso-brasileiro a partir do reinado de D. José I e da influência de seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo. Apesar de sua política regalista, suas medidas propiciaram uma difusão atenuada das Luzes e, segundo Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (2003, p. 28), foram “fundamentais para moldarem os principais aspectos da Ilustração portuguesa”. Décadas depois, em 1796, um ímpeto reformista ilustrado ganhou fôlego com a indicação de Rodrigo de Sousa Coutinho à pasta dos Domínios Ultramarinos. O novo ministro articulou um amplo programa de reformas com o objetivo de manter a unidade política entre Portugal e Brasil através da criação de um Império Luso-brasileiro (NEVES, 2000, p. 56).

A partir da avaliação geral do volume de obras traduzidas, considerada aqui mais indicativa do que definitiva, nos questionamos: quais os temas dos livros traduzidos? As obras religiosas e textos devocionais constituíam 26,2% das traduções no período referido. Tal preeminência não é surpreendente uma vez que, segundo Guilherme Pereira das Neves, um dos traços mais significativos traços do mundo luso-brasileiro do período era o

lugar central que nele ainda ocupava a religião enquanto forma de conhecimento em relação ao mundo, ao contrário do que se passava e outras regiões do Ocidente, nas quais a visão secularizada da natureza e da sociedade, concebida sob a forma de uma ciência, ou de uma filosofia, tendia a impor-se como o principal instrumento para regular as atividades produtivas e as relações sociais, dando origem ao liberalismo oitocentista (NEVES, 2000, p. 114).

Contudo, é possível afirmar que a proporção de textos devocionais nos séculos anteriores em Portugal era consideravelmente maior. Conforme o estudo comparativo de Alexander Wilkinson (2015, p. 31) sobre a tradução vernácula na época renascentista, em fins do século XVI, cerca de 54% das traduções na Península Ibérica eram de obras religiosas.

As obras teatrais, a segunda maior área temática, equivalem a 20% das obras traduzidas em língua portuguesa na segunda metade do século XVIII. As peças teatrais que recebiam aplausos no Teatro do Bairro Alto (1720), no Teatro da Rua dos Condes (1765) e no Teatro Salitre (1782), eram, muitas vezes, oriundas da França, da Espanha e, sobretudo, da Itália. Conforme aponta Orna Messer Levin, “o teatro português sobrevivia tributário dos modelos estrangeiros ou vinha sendo preterido pela voga da ópera italiana, para a qual a gente fidalga voltava suas atenções, levando o governo a destinar-lhe apoio financeiro em detrimento da produção nacional” (LEVIN, 2013, p. 182).

A terceira maior área temática reúne a literatura em prosa, como contos, novelas e romances, que perfaz 10,5% das obras traduzidas. Merece destaque as onze edições com diferentes traduções da obra *As Aventuras de Telêmaco*, romance de François Fenélon (1651-1715). O livro, que narra a viagem empreendida por Telêmaco, filho de Ulisses, em busca de seu pai, possuía um caráter pedagógico e apresentava exemplos de conduta moral. Segundo Márcia Abreu (2003), a obra de Fenélon converteu-se em um verdadeiro best-seller no mundo luso-brasileiro e foi o livro mais remetido para o Rio de Janeiro, entre 1769 e 1826 (ABREU, 2003).

Igualmente oriundos da língua francesa, os contos morais de Jean-François Marmontel (1723-1799) e de Baculard d’Arnaud (1718-1805) encontraram significativa penetração em Portugal e em seus domínios. A obra *Auto do Infante Dom Pedro*, na qual seu autor, o castelhano Gomes de Santo Estevão, descreve as viagens empreendidas por Dom Pedro de Portugal entre 1424 e 1428, recebeu doze impressões com traduções diferentes na segunda metade do século XVIII. Do inglês, foram traduzidos os romances *Pamella Andrews* (1790) de Samuel Richardson (1689-1761) e *Vida e Aventuras de Robinson Crusóé* (1785) de Daniel Defoe (1660-1731).

As traduções de obras literárias em verso constituem a quarta maior área temática do período com 9,8% das traduções. Os autores da Antiguidade estavam entre os mais

traduzidos, sobretudo Horácio, Virgílio e Ovídio. A *Epístola aos Pisões*, mais conhecida como *Arte Poética*, na qual Horácio Flacco preconiza sobre a arte da poesia e do drama, foi impressa sete vezes desde a primeira tradução publicada pelo frade oratoriano Francisco José Freire, sob o pseudônimo de Cândido Lusitano, em 1758. Além desta, circularam outras três traduções distintas realizadas pelos letrados Miguel Antonio Ciera (1772), Pedro José da Fonseca (1790) e Joaquim José da Costa e Sá (1794). A *Eneida Portuguesa*, tradução do clássico de Virgílio realizada por João Franco Barreto no século XVII, recebeu duas novas edições no período (1762 e 1763).

Dos autores modernos, um dos mais traduzidos foi o suíço Salomon Gessner (1730-1788). Obras de sua autoria, como *Idílios* e *A Morte de Abel*, representantes da poesia pastoral que marcou o século XVIII, despertaram o interesse de Ricardo Raimundo Nogueira, professor de direito na Universidade de Coimbra, e de outros tradutores como José Anastácio da Cunha e os religiosos Antonio de Oliveira Valle e José Amaro da Silva, e receberam dez impressões entre 1750 e 1800. Dentre as obras inglesas, merecem destaque as seis publicações das *Noites Seletas*, escrita pelo poeta inglês Edward Young (1683-1765), além do *Paraíso Perdido* (1789) de John Milton (1608-1674) e dos poemas e odes de Alexander Pope (1688-1744). No âmbito das obras francesas em verso traduzidas para a língua portuguesa neste período encontram-se as *Fábulas* de Jean de La Fontaine (1621-1695), diversos textos de Louis Racine (1692-1763) e o poema épico *Henriada* de Voltaire (1694-1778).

A quinta maior área temática reúne as traduções de obras médicas e científicas relativas à saúde, doenças, tratamentos e remédios, que perfazem 6,8% das traduções para a língua portuguesa. Uma das razões para tal, aponta Claudio DeNipoti, em trabalho a respeito das obras médicas traduzidas em Portugal em fins do século XVIII, era a ideia de utilidade que permeava as justificativas oferecidas em prefácios e prólogos de tradutores do período. Além disso, contribuía para a escolha das obras a fama e notoriedade do autor (DENIPOTI, 2017, p. 919-920). É o caso, por exemplo, do *Aviso ao povo acerca da sua saúde*, escrito pelo médico Auguste Tissot (1728-1797), cuja versão em português foi publicada seis vezes entre 1750 e 1800. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, autor da mais famosa tradução de Tissot, escreveu em seu prefácio:

O merecimento do Aviso ao povo de Mr. Tissot, cuja tradução ofereço ao público, é tão conhecido, que julgo supérfluo demorar-me em o mostrar, e ainda quanto houvesse alguém que duvidasse dele, bastava para ficar convencido olhar não só para as repetidas edições, que em pouco se fizeram desta Obra, e para as elegantes traduções feitas em quase todas as línguas, mas sobretudo, para os sábios tradutores que Mr. Tissot teve a sorte de ter (PAIVA, 1796, p. XXIX).

Em resumo, circularam no âmbito letrado português do Setecentos, traduções de obras dos mais variados assuntos. Além das principais áreas temáticas acima comentadas, foram traduzidas obras que versavam sobre história (4,4%), filosofia (3,9%), ciências (3,2%), agricultura (2,1%), matemática (1,8%), dentre outras.

Em relação às línguas originais das obras traduzidas no período, constata-se, a notável preeminência do francês em 40,4% das publicações. Este fato representa um ponto de inflexão na história da tradução portuguesa. Segundo João Paulo Silvestre, “o mercado editorial português, nos séculos XVI e XVII, não privilegiou a tradução para vernáculo de textos científicos, literários e religiosos” uma vez que um elevado número de livros era impresso em latim e castelhano, mantendo, assim, as línguas da edição original. “O espaço das traduções do francês”, continua ele, “é lentamente conquistado à medida que o século XVIII avança” (SILVESTRE, 2006, p. 247).

Em relação ao perfil socioprofissional dos tradutores, ressalta-se que foram identificados e categorizados os tradutores de apenas 34,6% das obras. O espectro de tradutores identificados é, sem dúvida, pequeno se comparado ao universo de obras traduzidas no período estudado. Isso se relaciona ao anonimato dos tradutores que marcou a maioria dos impressos vertidos em português. Em alguns casos, os tradutores, talvez com o objetivo de escapar das malhas dos órgãos censores, preferiam se identificar por expressões como “por um amante e zeloso da pátria”, “por um devoto”, “por um teólogo português”, “por um amigo da verdade”, dentre muitas outras.

Dentre os identificados, o protagonismo recai sobre os tradutores religiosos, que perfazem 36,4%. Em seguida, destacam-se a genérica categoria de letrados, que reúne poetas, escritores e membros da Academia Real de Ciências de Lisboa, da Academia Real de História, da Academia de Belas Artes Arcádia de Portugal, dentre outras. O terceiro

maior grupo é composto por médicos e cirurgiões e, o quarto, por professores régios e lentes das universidades portuguesas.

A despeito dos limites impostos pelas fontes, podemos levantar algumas questões sobre os tradutores lusos da segunda metade do século XVIII. Em primeiro lugar, conforme demonstra Claudio DeNipoti (2016, p. 93), a partir da análise de prefácios, cartas e discursos acrescentados nas traduções publicadas entre 1770 e 1810, os tradutores do período eram movidos por uma ideia geral de utilidade, vinculada ao processo de instrução e de uma educação moral voltada para o desenvolvimento da civilidade.

Em segundo, a partir desta primeira constatação, constatamos que, frequentemente, as temáticas dos textos traduzidos estavam relacionados ao perfil socioprofissional dos tradutores. As ocorrências são inúmeras. À título de exemplo, retomemos ao caso do já citado Manuel Joaquim Henriques de Paiva, boticário e médico, que traduziu obras médicas de Tissot, Gardanne, Buchan, Plenck, dentre outros. O mesmo se passou com José Francisco Leal, lente de Matéria Médica e de Instituições Cirúrgicas de Coimbra, que verteu em português textos escritos pelo francês Baumé. Os professores e lentes também traduziam obras relacionadas ao seu ofício. É o caso de Antonio Lourenço Caminha, professor de Retórica e Poética, que traduziu *Lélio ou o diálogo sobre a Amizade* (1785) de Cícero e outras obras poéticas de Ovídio. Joaquim José da Costa e Sá, lente de Gramática e Latim em Coimbra, trasladou ao português a *Arte Poética* (1794) de Horácio. O ator e dramaturgo Antonio José da Silva foi o tradutor de diversas óperas e dramas italianos.

Por fim, cabe ressaltar a importância que os tradutores assumiam na recepção das ideias ilustradas no âmbito do reformismo ilustrado luso-brasileiro. Exemplo disso é a fundação da Casa Literária do Arco do Cego, que representou, segundo Lia Wyler, um ponto de inflexão na história da tradução portuguesa pois foi a primeira agência de tradução financiada pela Coroa (WYLER, 2003, p. 67-69). Esta iniciativa tipográfica funcionou em Lisboa entre 1799 e 1801 sob a direção do Frei Veloso sob os auspícios ilustrados de Rodrigo de Sousa Coutinho. Conforme dados citados por Miguel Faria, a tipografia esteve envolvida na publicação de, pelo menos, 83 títulos, dos quais 45 eram traduções para o português (FARIA, 1999). Nos prefácios e dedicatórias que

acompanhavam estas traduções científicas, segundo Alessandra Harden, eram dotados de uma estratégia retórica que permitiu a introdução de aspectos das Luzes na sociedade portuguesa de Antigo Regime (HARDEN, 2011).

O mundo luso-brasileiro não permaneceu alheio às transformações propiciadas pelas Luzes, a despeito de sua aplicação pragmática, como sugeriu Sérgio Buarque de Holanda (1966, p. 14), e de um efeito de secularização limitada, tal como apontou Guilherme Pereira das Neves (2000, p. 55-57). A recepção, com tons próprios, das ideias ilustradas advindas de outros estados europeus, como França e Inglaterra, está diretamente relacionada às traduções feitas por letrados luso-brasileiros ao longo do século XVIII. Demonstrou-se, neste trabalho, o crescimento vertiginoso do número de traduções e a predominância de obras religiosas e devocionais entre as traduções. Além disso, foi examinado, de modo preliminar, o perfil socioprofissional dos tradutores. É preciso salientar, contudo, que um estudo predominantemente quantitativo como este possui limites e desafios. Por isso, é fundamental que se reflita qualitativamente sobre o modo pelo qual as traduções mediam os contatos entre culturas e como as ideias contidas nelas são aceitas, transformadas e apropriadas, como sugeriu Roger Chartier (1991, p. 179-180).

Fontes impressas

PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de. Prefação. *Aviso ao povo a'cerca de sua saúde por Monsieur Tissot, Doutor em Medicina, e Socio de muitas academias...* Lisboa: Officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1786. p. XXIX.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2003.

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter & PO-CHIA HSIA, R. (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 5, no. 11, 1991.

DENIPOTI, Cláudio. Em busca da tradução perfeita: os discursos dos tradutores e censores portugueses na segunda metade do século XVIII. In: SANTOS, Antonio Cesar de Almeida (Org.). *Ilustração, cultura escrita e práticas culturais e educativas*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2016.

DENIPOTI, Claudio. Tradutores médicos e a ideia de tradução em Portugal em fins do século XVIII: o caso dos livros de medicina. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol.24, n.4, 2017.

FARIA, Miguel. Da facilitação e da ornamentação: a imagem nas edições do Arco do Cego. In: CAMPOS, Fernanda Maria Guedes, et al. (Org.). *A casa literária do Arco do Cego (1799-1801)*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1999.

FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: EdUSP, 2017.

HARDEN, Alessandra Ramos de Oliveira. Os tradutores da Casa do Arco do Cego e a ciência iluminista: a conciliação pelas palavras. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), Campinas, v. 50, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Introdução. *Obras econômicas de Joaquim José de Azeredo Coutinho (1794-1804)*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1966.

LEVIN, Orna Messer. A rota dos entremezes: entre Portugal e Brasil. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 27, jul.-dez. 2013.

NEVES, Guilherme Pereira das Neves. Um mundo ainda encantado: religião e religiosidade na América Portuguesa ao fim do período colonial. *Oceanos*. Lisboa, v. 42, 2000.

NEVES, Guilherme Pereira das. Como um fio de Ariadne no intrincado labirinto do mundo: a ideia do império luso-brasileiro em Pernambuco (1800-1822). *Ler História*, Lisboa, nº 39, 2000.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais. A cultura política da independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

OZ-SALZBERGER, Fania. The Enlightenment in Translation: Regional and European Aspects. *European Review of History—Revue europeenne d'Histoire*, Vol. 13, No. 3, 2006. p. 387.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 34.

RODRIGUES, Antonio Augusto Gonçalves. *A Tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil*. Volume Primeiro, 1495-1834. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

SILVESTRE, João Paulo. A tradução do discurso enciclopédico para a língua portuguesa: barreiras linguísticas e culturais no início do século XVIII. In: MIGUEL, Maria Augusta et alii (Orgs.). *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2006.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Tinta sobre Papel: livros em Pernambuco no século XVIII*. Volume 2, 1769-1807, Catálogo. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

WILKINSON, Alexander S. Vernacular translation in Renaissance France, Spain, Portugal and Britain: a comparative survey. *Renaissance Studies*, vol. 29, no. 1, nov. 2015.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.